

A VIAGEM

SAMUEL

— Vou viajar — disse-lhe — há tanto deste mundo que não conheço! Quem sabe se te encontrarei?

Pôs-se a caminho.

Levava consigo o que o passado lhe ensinara: aquela sabedoria que sempre cabe nas mãos e nos olhos quando abertos para a descoberta.

Começou por seguir os caminhos naturais cuja existência todos creem conhecer. Depois, entrou no mistério de não saber por onde andava.

Pisando o chão macio, irreal, da aventura a cada passo, percorreu lentamente os relevos suaves que à sua frente se ofereciam. Subiu, sem esforço, breves colinas, parando aqui e ali para prolongar o prazer dessa escalada. E deslizou, devagar, pelas encostas amáveis desses montes inesperados que a natureza erigera para o surpreender. Passou por estreitas veredas habitadas por duendes e pelos cheiros inebriantes de perfumes raros. E correu, cego, pelas planícies sem fim. A caminhar, foi alongando a viagem ao sabor do imprevisto, recolhendo desse andar as emoções resumidas de um passado todo inteiro.

Visitou templos, castelos, abismos, florestas, demorando-se nessas visitas o tempo de nelas ficarem bocados dos seus sentidos. Atravessou cursos de águas doces, detendo-se nas suas margens para melhor os conhecer. E continuou. Voltou aos lugares por onde já fôra passado, inventando percursos diferentes dos percursos inventados. Qual peregrino que levasse consigo a crença de que o seu destino estaria apenas no caminhar, ele percorria sem memória esse mundo abandonado ao tempo.

Galgando horizontes, perseguindo os caminhos imaginados nesses espaços irrealis, foi assim andando pelas campinas e pelos movimentos da terra sua irmã, sem os pés e sem os passos comuns, conduzido pelos ventos que a sua emoção levantava.

Ao nascer do Sol atingiu, no termo dessa viagem, aquele rio cuja nascente vive nas estranhas de todo o mundo sonhado. E, nas suas águas mansas agitadas, profundas, correndo para si, mergulhou a sua alma.

Quando, a cabeça recostada na terra viajada, serenamente despertou dos sonhos guardados por esses caminhos, ouviu dela que lhe dizia, num íntimo sussuro: amo-te!

